

# **PESQUISA HISTÓRICA EM MUSEUS: uma reflexão sobre a realidade brasileira**

HISTORICAL RESEARCH IN MUSEUMS: a reflection on the Brazilian reality

Janaina Silva Xavier<sup>1</sup>  
Raimundo Faria Vale<sup>2</sup>  
Roy Nelson Pinto Júnior<sup>3</sup>  
Rogerio Izidoro Júnior<sup>4</sup>

## **RESUMO**

Este artigo é o resultado de um estudo que investigou a pesquisa histórica nos museus brasileiros. Inicialmente o texto parte de um levantamento da origem dos museus na Europa e no Brasil e mais especificamente os museus de história, seu desenvolvimento e quantitativo. Num segundo momento, o trabalho analisa o referencial teórico sobre a questão da pesquisa histórica e sua inserção no contexto dos museus como atividade essencial da cadeia operatória museológica. Finalmente foi realizada a análise do Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA), localizado no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP EC), e sua atuação na pesquisa histórica. Os resultados obtidos e as reflexões produzidas pelos autores são apresentados ao final do texto.

**Palavras Chave:** Museus; Pesquisa Histórica; CNMA.

## **ABSTRACT**

This article is the result of a study that investigated the historical research in Brazilian museums. Initially, the text parts from a survey of the origin of museums in European and in Brazil and more specifically, the history museums, their development and quantitative. Secondly, the work analyzes the theoretical reference on the issue of historical research and its inclusion in the context of the museums as an essential activity of the museum operational chain. Ultimately, it was performed an analysis of the Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA), located at Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP EC), and its performance in the historical research. The obtained results and the reflections produced by the authors are presented at the end of the text.

**Keywords:** Museum; Historical Research; CNMA.

---

<sup>1</sup> Museóloga e Professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP EC.

<sup>2</sup> Licenciado em História pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP EC).

<sup>3</sup> Licenciado em História pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP EC).

<sup>4</sup> Licenciado em História pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP EC).

## **Introdução**

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve por objeto de estudo o museu como agente na construção da história, por meio da investigação científica, ou seja, as pesquisas históricas que são realizadas nos museus.

No caso em questão, o interesse dos pesquisadores foi os museus de história, com enfoque nos processos de investigação e produção da história nessas instituições, ou seja, a pesquisa histórica nos museus e dentro desse cenário surge o Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA) que foi o espaço museológico de análise mais acurada.

A problemática que orientou o estudo foi: Que significado tem as ações de investigação/pesquisa no contexto dos museus de história e quais suas implicações e metodologias? E de que forma o CNMA está ciente dessas discussões e conseguindo avançar nesta direção?

Justificamos tal iniciativa por serem os museus um potencial campo profissional para os historiadores, que podem trabalhar no desenvolvimento de pesquisas históricas e também nas ações de comunicação e educação, caso ele seja um licenciado. Portanto, compreender esse universo é um importante ganho para o futuro historiador e para os museus que terão um profissional mais qualificado.

A pesquisa foi de caráter empírico, com uma abordagem qualitativa, reflexão teórica e trabalho de campo. Inicialmente a fim de compreender a natureza e as peculiaridades dos museus e das pesquisas de acervos históricos foram analisados textos de historiadores e museólogos que discutem o assunto. Posteriormente, foram feitos levantamentos sobre o quantitativo dos museus de história no Brasil, a fim de perceber o estado da questão. Dos museus de história brasileiros realizou-se entrevistas com cinco conceituadas instituições, levantando informações sobre os acervos, quantitativo de historiadores e a realização de pesquisas históricas.

A partir desse aprofundamento, a pesquisa tomou como estudo de caso o CNMA. Por meio de entrevistas com seus colaboradores, observação e exame de suas ações, pretendeu-se perceber como se desenvolve a pesquisa histórica na instituição.

Concluídas essas etapas, foi feita a comparação das teorias analisadas com a realidade encontrada nos museus brasileiros e no CNMA, refutando e comprovando proposições relevantes para essa pesquisa, numa tentativa de contribuir com a problemática deste estudo.

## As origens dos museus na Europa e no Brasil

A palavra museu (*museion*) tem sua origem na antiguidade com os gregos, em alusão ao templo das musas, filhas de *Mnemósine*, Deusa da Memória, que eram as protetoras das artes e da história (JULIÃO, 2006a). Posteriormente, no período medieval, com a influência do cristianismo, as igrejas e outros lugares de cunho religioso investiram na aquisição de valiosas obras artísticas com o “objetivo de formar um patrimônio e resguardar as relíquias consideradas sagradas” (SANTOS, 2000: 20).

Porém, a gênese moderna dos museus está no Renascimento, quando o avanço do colonialismo, das navegações e das escavações arqueológicas nas ruínas das cidades gregas e romanas deram origem à prática do colecionismo, também conhecida como antiquariado. Os objetos provenientes dessas atividades eram adquiridos pelos reis, príncipes e burgueses e organizados nos chamados Gabinetes de Curiosidades, para serem exibidos a um grupo seleto de aristocratas e estudiosos conforme o interesse de seus proprietários e para sua vaidade, demonstração de poder e destaque social (SANTOS, 2000).

Com a Revolução Francesa (1789-1799) é suscitado o espírito republicano e o sentimento nacionalista. O povo deveria ser instruído com base na promoção do civismo e da história. Para tanto, decretos e instruções de preservação do patrimônio francês foram criados, e as coleções foram tomadas das mãos da monarquia para ficarem a serviço da educação do povo, dando origem ao que hoje conhecemos como museus. A intenção era instalar grandes museus em todo o território francês. É nessa época que foi aberto o Museu do Louvre, em 1793, com importante acervo artístico e, a partir de então, essa concepção de museu como um espaço para educação e deleite do povo acabou por se consolidar em toda a Europa (JULIÃO, 2006a).

No Brasil, os museus tem sua origem com a família imperial. Os primeiros museus surgiram com o objetivo de formar coleções da história natural do país. Com a chegada da Missão Artística Francesa foram criadas as academias de artes e ciências, e isso facilitou o acesso à educação nos valores da cultura europeia. Em 1818, foi estabelecido o primeiro museu do país, o Museu Real, com um acervo de mineralogia, objetos indígenas e naturais. Já no final do período monárquico, vieram outros museus com essa mesma tradição enciclopédica: o Museu Paraense Emilio Goeldi (1871), o Museu Paranaense (1876) e o Museu Botânico do Amazonas (1883) (BREFE, 2005).

No período republicano predominava o desejo de impor um espírito nacionalista e a necessidade de conhecimento da realidade brasileira. Com esses propósitos, foram criados o Museu Histórico Nacional, RJ (1922), o Museu Nacional de Belas Artes, RJ (1937), o Museu da Inconfidência, MG (1938), o Museu Imperial, em Petrópolis, RJ (1940) e o Museu da República, RJ (1960) (BREFE, 2005).

Outro passo importante na preservação do patrimônio histórico e artístico nacional foi dado em 1937, com a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que viria a se tornar o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Segundo Julião (2006a: 23):

O surgimento do SPHAN representou um marco no processo de institucionalização de uma política para o patrimônio cultural no país. Esse e outros projetos de educação e cultura, implementados pelo Estado no pós-trinta, refletiam o ideário de construção de uma identidade e cultura nacional, formulado nos anos vinte pela geração de intelectuais modernistas.

Após a Segunda Grande Guerra (1945), os intelectuais começam a repensar e a discutir a função social dos museus. Como consequência desses questionamentos, ocorreu, em 1972, uma mesa redonda no Chile, dando origem a Declaração de Santiago, que apresentava o conceito de museu integral, que seria o museu como um espaço a serviço do Homem e não do objeto e um agente no desenvolvimento das comunidades. Desde então, essas novas perspectivas vêm afetando a museologia na América Latina e o Brasil tem procurado imprimir esses conceitos em seus museus (JULIÃO, 2006a).

Para atender essa demanda, em 2003, foi criada a primeira Política Nacional de Museus e, em 2009, o antigo Departamento de Museus (DEMU), órgão vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tornou-se uma autarquia independente, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), ligado diretamente ao Ministério da Cultura (MinC), que tem trabalhado na promoção do campo museal do país, incentivando seu desenvolvimento e qualificação. Por meio da Lei Federal 11.904, de 14 de janeiro de 2009<sup>5</sup>, foi definido o que seriam os museus no país:

[...] instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (LEI FEDERAL nº 11.904/2009).

---

<sup>5</sup> **Lei Federal 11.904, de 14 de janeiro de 2009.** Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/legislacao.htm> Acesso em: 20 de setembro de 2013.

Dentro dessa nova visão do papel dos museus na sociedade contemporânea surge a profissionalização dessa instituição, que tem procurado gradativamente investir na qualificação de seus serviços a fim de melhor atender a comunidade.

## **Museus de História e o seu desenvolvimento no Brasil**

A relação entre a história e os museus não é recente, está nas origens desta instituição. Desde a formação dos primeiros museus, que uma das intenções foi preservar objetos relacionados ao passado dos povos para o conhecimento e a educação. Diante dos novos desdobramentos da museologia, no entanto, é preciso ver o museu “[...] não como uma instituição voltada para os objetos históricos, mas para os problemas históricos” [...] (RODRIGUES, 2010) e que, de acordo com Castro (2009), tem o papel de interagir com os sentidos dos visitantes, instigando o diálogo com os objetos históricos.

A aceitação da cultura material como fonte documental confiável é percebida somente na segunda metade do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, e uma aproximação ainda mais significativa por meio da Escola de Anales, no início do século XX, que abriu espaço para os objetos se tornarem alvo de investigação (FUNARI, 2008). A partir de então, a cultura material passou a ter uma atenção cada vez maior por parte de pesquisadores das ciências sociais e da história, como meio de interpretar o passado, através de sua cultura, suas práticas e seu universo cotidiano cercado de objetos.

Segundo dados do IBRAM, os acervos históricos<sup>6</sup> são a tipologia predominante no Brasil, 67,5% dos museus brasileiros tem acervos de história. Isso significa que dos 3.025 museus mapeados no país, cerca de 2.040 tem bens culturais de natureza histórica. Outro dado importante é sobre o corpo técnico dos museus brasileiros, que é composto, em primeiro lugar de historiadores (859 profissionais), seguidos de museólogos (477), conservadores (440), bibliotecários (424), pedagogos (406) e arquivistas (301) (Museus em Números, vol. 2, 2011).

Nos levantamentos feitos no Guia dos Museus Brasileiros (2011) foram identificados 372 museus que utilizam o termo “História” ou “Histórico” no nome da instituição, ou seja,

---

<sup>6</sup> Os dados do IBRAM (2011) identificam que as tipologias predominantes de acervo nos museus brasileiros são: História (67,5%), Artes Visuais (53,4%), Imagem e Som (48,2%), Antropologia e Etnografia (29,5%), Arqueologia (26,9%), Ciências Naturais (23,5%).

que se dedicam especificamente a essa ciência. A tabela abaixo apresenta o quantitativo de museus de história por região do país (Tabela 1):

**Tabela 1:** Quantitativo de Museus de História por região do país

<b>REGIÃO</b>	<b>QUANTITATIVO</b>
Norte	11
Nordeste	46
Centro Oeste	29
Sudeste	163
Sul	123
Total	372

Fonte: IBRAM, Guia dos Museus Brasileiros, 2011.

A partir desses dados, percebemos uma deficiência de museus de história em relação aos 5.570 municípios existentes no Brasil (IBGE, 2012) e também que há uma distribuição inadequada desses museus, algumas regiões têm um número bem maior de instituições em relação a outras que apresentam carências. Porém, o fato de possuir um museu de história não é garantia de um serviço de qualidade, pois muitos deles, segundo o cadastro, encontram-se fechados.

### **Pesquisa Histórica em museus**

Segundo Julião (2006b) para o funcionamento adequado, os museus devem trabalhar suas ações numa relação interdependente a partir de um tripé: preservação, investigação e comunicação. Na síntese da autora, a preservação prolonga a vida do acervo, a investigação amplia o potencial de comunicação dos objetos e a comunicação são as formas de diálogo do objeto com o público. Nos museus, as principais formas de comunicação são as exposições e ações educativas. Esses três campos são distintos e complementares, e o pleno desenvolvimento de cada um deles é imprescindível para o funcionamento adequado do museu. Sobre a pesquisa histórica nos museus a autora acrescenta ainda:

[...] É o trabalho do historiador, movido pelas preocupações do presente, que faz emergir dos objetos as informações, através da investigação, do confronto e análise de seus dados. Trata-se da crítica do documento, das circunstâncias da produção e transmissão do documento no tempo. Assim, a pesquisa com objetos, a exemplo de qualquer fonte histórica implica

necessariamente concebê-los como documento/monumentos (JULIÃO, 2006b: 100).

Ao buscarmos o significado da palavra história temos um vocábulo grego que significa pesquisa ou conhecimento advindo da investigação das origens, dos conflitos e das contradições. Heródoto (484 – 425 a.C.) é considerado o pai da pesquisa histórica, pois foi o primeiro a empregar essa palavra com o sentido de investigação. Portanto, a palavra história já traz em sua etimologia a ideia de pesquisa e falar em “pesquisa histórica” torna-se até mesmo uma redundância (BORGES, 2007; FUNARI, 2008: 81).

Sobre o termo pesquisa, temos em Toledo e Gimenez (2009: 111) a seguinte definição: trata-se de “um conjunto sistemático e sistematizador de conhecimentos e procedimentos que são necessários ao domínio do saber sobre um objeto ou sobre objetos previamente estabelecidos”.

A pesquisa histórica versa, portanto, da investigação do passado e suas transformações, tendo o homem como seu principal agente. Ao longo dos anos, desde a invenção da escrita até as modernas tecnologias da comunicação, da imprensa, da imagem e do som, na contemporaneidade, a pesquisa histórica tem estado em constante desenvolvimento e aperfeiçoamento de seus métodos (BORGES, 2007).

Porém, diferentemente de outras áreas do conhecimento, a pesquisa histórica é feita pelo contato “indireto” do historiador com os “testemunhos” e “vestígios” desse passado. Essa particularidade da pesquisa histórica causa um “distanciamento entre o objeto do conhecimento e o pesquisador” que limita em muitos casos suas investigações (BLOCH, 2001: 51; 70).

Outro aspecto que caracteriza a pesquisa histórica é o uso de diferentes fontes históricas, das quais o historiador irá extrair informações que possam ser comprovadas. Logo, a pesquisa histórica não é uma especulação, ela perpassa pela análise e interpretação das fontes de forma crítica e cautelosa, sem ter, contudo, a pretensão de estabelecer a verdade (BORGES, 2007). Sobre esse aspecto, Bloch (2001: 79) acrescenta ainda que “toda a investigação supõe [...] uma direção”, ou seja, a pesquisa histórica é um trabalho metódico e ordenado.

Nora (1993: 10), por sua vez, afirma que a história é “uma representação do passado”, uma “operação intelectual e laicizante”, que “demanda análise e discurso crítico” e os resultados da pesquisa histórica são uma “reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”.

Borges (2007) destaca também, que a pesquisa histórica é uma necessidade do presente em relação ao entendimento do passado, auxiliando na compreensão da sociedade atual. E Bloch (2001: 75) completa dizendo que “o passado é um dado que nada mais se modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.

É preciso considerar, ainda, que desde o século XX, a pesquisa histórica tem sido uma prerrogativa das universidades, no entanto, os museus enquanto instituições que preservam o passado histórico, por meio da cultura material, documentos, fotografias, etc., têm, à medida que se especializam em suas funções, entendido cada vez mais a importância da pesquisa histórica.

No contexto dos museus, a pesquisa histórica “[...] tem o papel de ampliar as possibilidades de comunicação dos bens culturais; [...] ela assegura uma visão crítica sobre determinados contextos e realidades dos quais o objeto é testemunha” (JULIÃO, 2006b: 96). E Nascimento (1994: 41) afirma, ainda, que os resultados das pesquisas serão “[...] definidores do discurso museológico [...] o objeto, nesta abordagem, passa a ser entendido como produtor de conhecimento”.

Deste modo, nota-se a importância do historiador na construção de saberes que irão embasar as leituras e discussões que o museu irá propor aos visitantes. Portanto, essa função deve ser exercida com ética e criticidade consciente.

Um problema crônico na museologia brasileira é justamente a falha no diálogo entre o museu e a sociedade. A falta de interesse das pessoas pelos museus está muito relacionada à pobreza de conteúdo das exposições, percebida principalmente nas instituições municipais e nas regiões mais desprovidas do Brasil. A carência no conhecimento dos métodos de pesquisa torna o objeto apenas como algo que está exposto para ser visto e interpretado, grosso modo, pela curiosidade.

Os procedimentos para a realização das pesquisas históricas nos museus obedecem aos mesmos critérios metodológicos da investigação acadêmica, partindo de questionamentos, coleta e análise de dados, revisões na bibliografia, interpretação e formulação de novos conceitos (JULIÃO, 2006b).

Nascimento (1994: 40) fala da necessidade de se investigar para além dos aspectos físicos, alcançando “as teias de relações em que o objeto está imerso”, percebendo as peças como um produto do meio cultural em que foram produzidas. Nesse processo de conhecimento do acervo nenhuma peça deve ser negligenciada. Todas têm o seu potencial



comunicacional e merecem testemunhar das condições de vida e trabalho de seu tempo (JULIÃO, 2006b).

Lara (2008) destaca também, que essas pesquisas devem ser realizadas de forma sistemática, ou seja, elas precisam ser uma rotina de trabalho permanente nos museus e para que isso ocorra é necessário que os museus tenham como preocupação a permanência de um corpo próprio de funcionários na área da museologia e no campo do saber envolvido (MENESES, 2002).

Os museus no Brasil apresentam um grande déficit de profissionais qualificados atuando nas instituições. Para a eficácia da pesquisa é indispensável que o acervo seja estudado por profissionais de áreas distintas, numa abordagem interdisciplinar, como museólogos, historiadores, arqueólogos, etc. aproximando os objetos da sua realidade e identificando a sua função na cultura e no período histórico em que foram produzidos.

Apesar dos estudiosos afirmarem a relevância da pesquisa histórica para o pleno desenvolvimento das ações museológicas, no cotidiano das instituições, essa é a função mais relegada ao ostracismo e, em alguns casos, é até mesmo inexistente. Essa realidade tem distanciado a sociedade dos museus, tornando-os apenas um lugar onde os objetos esvaziados de sentidos, sejam observados pelos visitantes que não têm, muitas vezes, ideia do que representam, sua história, sua origem e sua contribuição para a existência da civilização.

O Museu Histórico Nacional<sup>7</sup>, por exemplo, têm aproximadamente 270 mil itens em seu acervo, distribuídos em 54% numismática, 20% documentos históricos, 19% biblioteca e 19% objetos museológicos. É o maior acervo público brasileiro. No entanto, o Museu possui apenas sete historiadores, e destes, somente dois atuam diretamente na pesquisa. Os demais estão distribuídos no setor educativo, museográfico e administrativo. O setor de pesquisa possui uma infraestrutura adequada, com uma sala própria, computadores e biblioteca e no momento a investigação em andamento é sobre a história da instituição e de suas coleções. Dentro dessa linha de pesquisa são realizadas a análise dos objetos, da documentação museológica, leituras bibliográficas e produzidos textos científicos: artigos, monografias, dissertações e teses. Os resultados dessas ações são aplicados na elaboração de novas exposições e disponibilizados ao público através de publicações.

---

<sup>7</sup> Informações enviadas por e-mail pela historiadora Aline Montenegro Magalhães, coordenadora do Setor de Pesquisa do MHN, em 19 de agosto de 2015.

No caso do Museu da Inconfidência<sup>8</sup>, em Ouro Preto, que tem como missão preservar a história do estado de Minas Gerais e do Brasil Colonial, o acervo é constituído de quatro mil objetos, entre mobiliários, armas, obras de arte, louças, vestuários, veículos, etc. e quarenta mil documentos, tais como, processos judiciais dos séculos XVIII e XIX, partituras de música erudita e popular do período colonial, documentos sobre a inconfidência mineira, eleitorais do período colonial, fazendários e outros. Essa preciosa coleção já foi investigada por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, resultando em várias teses nacionais e internacionais que são disponibilizados pelo museu para consulta, mediante agendamento prévio. O museu possui três historiadores e destes, dois atendem ao público no arquivo histórico. A pesquisa histórica não é realizada pelos historiadores, é a museóloga e a musicóloga que pesquisam o acervo histórico e musical, respectivamente, com o objetivo de preparar as exposições temporárias. Semelhantemente ao Museu Histórico Nacional, o Museu possui infraestrutura para pesquisa com sala de estudos, computadores e biblioteca e uma publicação trimestral é preparada com artigos de colaboradores sobre a história e a cultura de Minas Gerais.

Já o Museu de Benjamin Constant,<sup>9</sup> no Rio de Janeiro, preserva um acervo museológico, com peças de mobiliário, pinturas, esculturas, roupas e objetos pessoais, pertencentes ao republicano Benjamin Constant; arquivístico, com documentos da República; iconográfico, com fotos familiares de Constant e bibliográfico, com obras raras pertencentes à coleção particular de seu patrono. Esse acervo, parcialmente catalogado, é disponibilizado para pesquisa interna e externa, sob agendamento. O Museu possui apenas um historiador que atua no inventário e pesquisa do acervo, sem uma linha de pesquisa definida, mas com enfoque na transição do Império para a República. Não há uma sala exclusiva para a pesquisa, mas o Museu possui uma reserva técnica adequada e computadores. Nesse caso, a pesquisa tem sido mais empregada na sua forma primária, ou seja, para compor a documentação do acervo e, em segundo plano, para a produção de textos que são publicados no blog do Museu e em revista científicas. O historiador do Museu tem buscado vínculos e parcerias com instituições acadêmicas, participando como pesquisador associado do Laboratório de História Oral e Imagem, da Universidade Federal Fluminense.

A situação do Museu Histórico de Londrina,<sup>10</sup> pertencente à Universidade Estadual de Londrina (UEL) não é muito diferente. O acervo é constituído de duzentos mil documentos

---

<sup>8</sup> Informações enviadas por e-mail por Cláudia Klock, Assessoria de Comunicação, sob orientação do diretor do Museu da Inconfidência Rui Mourão em 30 de junho de 2015.

<sup>9</sup> Informações fornecidas por e-mail pelo Técnico em Assuntos Culturais, o historiador Marcos Felipe de Brum Lopes, em 18 de maio de 2015.

<sup>10</sup> Informações fornecidas por e-mail pelo Museu Histórico de Londrina em 14 de agosto de 2015.

em papel, sete mil objetos tridimensionais e setenta mil imagens sobre a história de Londrina. Apesar da UEL possuir cursos de graduação, especialização e mestrado em História, o Museu possui apenas um historiador. As pesquisas dependem dos estudos realizados pelos alunos de graduação e pós-graduação da UEL e das demais universidades de Londrina.

Temos, finalmente, no Museu Imperial,<sup>11</sup> no Rio de Janeiro, uma estrutura de pesquisa mais consolidada. O Museu tem um acervo de aproximadamente oito mil peças dos séculos XVIII e XIX, distribuídas em diferentes categorias, tais como: alfaias, armaria, cristais, esculturas, heráldica, indumentária e acessórios, obras de arte, insígnias, instrumentos musicais, mobiliário, numismática, ourivesaria, porcelanas, prataria, sigilografia e viaturas e cerca de 250 mil documentos, catalogados em três categorias: Textuais (manuscritos e impressos), Iconográficos (fotografias, gravuras e desenhos) e Cartográficos (atlas, mapas e plantas), do Brasil Colonial, Império e República. A pesquisa é realizada por pesquisadores externos, mediante agendamento e pelos quatro historiadores do Museu, que contam com uma infraestrutura completa – sala de estudos, computadores e biblioteca. As investigações dos historiadores do Museu, não tem uma linha definida, mas são direcionadas para o período monárquico brasileiro e a história de Petrópolis, contribuindo para a catalogação e documentação do acervo, para o desenvolvimento de exposições temporárias e o aperfeiçoamento da exposição permanente, para a divulgação em publicações no site, artigos acadêmicos, impressos e a participação em eventos científicos.

Portanto, pelo quadro apresentado, percebemos que a pesquisa histórica nos museus brasileiros não é uma realidade, pois se considerarmos que nesses cinco museus avaliados temos dezesseis historiadores, e que destes apenas sete atuam na pesquisa, para um universo de cerca de 850 mil itens, temos uma situação crítica. Outro aspecto a analisar é que esses museus são instituições consolidadas e de referência no país, e que deveriam estar desenvolvendo pesquisas de forma ampla e contínua, o que torna o quadro mais desanimador.

Assim, chegamos à conclusão de que ainda há um longo caminho para a pesquisa história se concretizar nos museus como uma prioridade e para que o papel do historiador nesse contexto seja reconhecido e valorizado.

---

<sup>11</sup> Informações fornecidas por e-mail pelo Diretor do Museu Imperial, Maurício Vicente Ferreira Júnior, em 14 de agosto de 2015.

## A pesquisa histórica no CNMA

O Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA) foi estabelecido no ano de 1987, sob a direção do teólogo Dr. Alberto Timm, com o objetivo de preservar a história e a memória da Igreja Adventista no Brasil. O Centro é primeira iniciativa da Igreja Adventista brasileira de salvaguardar sua história, pois até então, segundo o seu atual diretor, o teólogo Dr. Renato Stencel<sup>12</sup>, os professores de história das instituições adventistas de educação, ensinavam a história do adventismo mundial. A instituição foi organizada junto ao Centro de Pesquisas Ellen G. White, no Centro Universitário Adventista, campus São Paulo, e, no ano de 1992, foi transferida para o campus de Engenheiro Coelho (UNASP EC). Desde então, o centro vem se dedicando a reunir acervos que tenham relação com a trajetória da Igreja Adventista no país e seus pioneiros.

A história da Igreja Adventista tem suas raízes, segundo Schwarz (2009), num movimento iniciado nos Estados Unidos da América entre os anos de 1839 a 1844, tornando-se uma instituição religiosa oficial em setembro de 1860. Uma vez organizada, a Igreja passou a investir na evangelização de outros países por meio do envio de missionários. John Nevins Andrews (1829-1883) foi o primeiro missionário enviado para a Europa em 1874 (DARIUS, 2014).

No Brasil, segundo Oliveira Filho (2004), foi no final do Império até a primeira República, que se formaram núcleos adventistas em várias regiões do país e Borges (2000) confirma que o adventismo no Brasil estaria ligado à imigração alemã ocorrida em 1824. Gradualmente o movimento começou a se expandir pelos estados brasileiros, estabelecendo diversas instituições. Segundo o *Yearbook* da Igreja Adventista (2014) existem atualmente 7.548 igrejas no país, 1.401.616 membros, 5 hospitais, 5 clínicas, 1 editora, 1 sistema de comunicação, 1 fábrica de alimentos, 450 escolas de nível fundamental e médio e 7 de ensino superior.

O volume de material acumulado pelo CNMA dessa trajetória é bastante expressivo e está parcialmente catalogado, estima-se uma coleção de 20 mil fotografias, 30 mil slides, além de muitas cartas, artigos, sermões, documentos, jornais, periódicos, livros, discos, objetos e mobiliários, datados desde o início do século XX. As coleções são preservadas em estantes de aço deslizantes, em uma reserva técnica climatizada com 40 m<sup>2</sup>. Periodicamente são

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada com o Dr. Renato Stencel, diretor do CNMA, em 22 de outubro de 2015.

organizadas exposições com objetos do acervo e mais recentemente, têm-se trabalhado a partir de temas previamente estabelecidos para as mostras.

O CNMA tem atualmente apenas dois funcionários teólogos e dez alunos bolsistas de diferentes cursos do UNASP EC, apenas um deles da licenciatura em História. Desde o ano de 2012, a museóloga e professora do curso de História, Janaina Xavier, dedica parte de sua carga horária as atividades de curadoria. Um dos grandes desafios enfrentados pelo CNMA é estar atrelado ao Centro de Pesquisas Ellen G. White, dividindo a estrutura física e os recursos humanos, sendo que suas demandas são relegadas a um segundo plano, diante das necessidades do Centro de Pesquisas que são consideradas mais prioritárias no contexto da Igreja Adventista.

A primeira iniciativa de desenvolver pesquisas históricas no acervo foram os trabalhos realizados pelos alunos do curso de Teologia, para a disciplina de História do Adventismo. Posteriormente, surgiu já em 1988, o projeto de criação da Enciclopédia da Memória Adventista<sup>13</sup>. Para tanto, realizaram-se levantamentos e investigações e redigiram-se verbetes históricos sobre as instituições da Igreja Adventista (setores administrativos, igrejas, escolas, hospitais, etc.), biografias dos pioneiros e história das publicações. Em 2008, todo o conteúdo da Enciclopédia, aproximadamente 550 verbetes, foi disponibilizado em espaço virtual através de um site<sup>14</sup>.

Outra ação foram os Simpósios da Memória Adventista. A partir de 1998, o evento científico começou a ser organizado anualmente. A cada edição foram determinadas as linhas de pesquisa e convidados professores e teólogos para investigá-las, produzirem artigos e apresentarem comunicações durante o simpósio. Os temas desenvolvidos seguem na tabela a seguir (Tabela 2):

---

<sup>13</sup> Ver Casa Publicadora Brasileira, Revista Adventista, dezembro de 1988, p. 18.

<sup>14</sup> Ver o site do CNMA: <http://www.unasp-ec.com/memoriadventista>.

**Tabela 2:** Simpósios da Memória Adventista

<b>ANO</b>	<b>TEMA</b>
1998	Instituto Adventista de Ensino: 15 anos de História
1999	A Colportagem Adventista no Brasil: Uma Breve História
2000	História da Educação Adventista no Brasil
2001	História da Estrutura Organizacional Adventista no Brasil
2002	História do Ministério Jovem no Brasil
2003	História da Obra Médico-Missionária Adventista no Brasil
2004	História da Comunicação Adventista no Brasil

Fonte: Site do CNMA, 2015.

A intenção do Dr. Timm, idealizador do Simpósio, era que cada evento originasse anais, porém, apenas o primeiro, “Instituto Adventista de Ensino: 15 anos de História”<sup>15</sup>, o segundo, “A Colportagem Adventista no Brasil”<sup>16</sup> e o terceiro, “A Educação Adventista no Brasil”<sup>17</sup>, geraram publicações das palestras. Além desses livros, o CNMA publicou apenas, em 1990, o livro “John Boehm: educador e pioneiro”<sup>18</sup>, de autoria do pastor e professor João Rabello.

Em 2006, o Dr. Renato Stencel defendeu seu doutorado em Educação, pela Universidade Metodista de Piracicaba, com a tese “História da Educação Superior Adventista: Brasil, 1969 a 1999” e no ano seguinte assumiu como diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White e do CNMA.

Segundo o Dr. Stencel, as primeiras pesquisas desenvolvidas pelos alunos do curso de Teologia eram falhas metodologicamente e pobres em conteúdo, muitas delas, porém, foram à base dos verbetes da Enciclopédia, juntamente com outras investigações que foram realizadas principalmente nos periódicos produzidos pela Igreja Adventista. Com relação aos anais não publicados dos Simpósios, ele explica que os pesquisadores não produziram os artigos, preparando-se apenas para as comunicações.

O Dr. Renato Stencel tem orientado um expressivo número de pesquisas de mestrado e doutorado em Teologia do UNASP que investigam aspectos da história do adventismo no

<sup>15</sup> Ver TIMM, Alberto Ronald (org.). **Anais do 1º Simpósio da Memória Adventista: Instituto Adventista de Ensino, campus 2, 15 anos de história**. Engenheiro Coelho: IAE, 1999.

<sup>16</sup> Ver TIMM, Alberto Ronald (org.). **Anais do 2º Simpósio da Memória Adventista: A Colportagem Adventista no Brasil: uma breve história**. Engenheiro Coelho: IAE, 1999.

<sup>17</sup> Ver TIMM, Alberto Ronald (org.). **A Educação Adventista no Brasil: III Simpósio da Memória Adventista no Brasil**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2004.

<sup>18</sup> Ver RABELLO, João. **John Boehm: educador e pioneiro**. São Paulo: IAE, 1990.

Brasil. Além disso, ele concluiu em 2014, com a participação de alunos do teológico, uma pesquisa sobre a história do Seminário Teológico Adventista brasileiro e, no momento, está finalizando uma pesquisa que será publicada sobre o pioneiro da educação adventista John Lipke (1875-1943) e retomando o projeto da Enciclopédia Adventista, que deverá somar-se, até o ano de 2020, ao projeto de uma enciclopédia mundial virtual da Igreja Adventista. A comunicação das pesquisas realizadas, de acordo com o diretor do CNMA, é feita por meio de exposições realizadas no centro de pesquisas, palestras e seminários apresentados por ele nas Igrejas Adventistas em todo o Brasil e também no exterior.

Quanto à participação de historiadores durante essa trajetória, o Dr. Stencil, destaca a atuação do Me. Elder Hosokawa que, desde 1987, é professor-pesquisador do UNASP e, a partir de 2009, assumiu o processo de implantação e a coordenação do curso de Licenciatura em História da instituição. A dissertação de Hosokawa, defendida em 2001, na Universidade de São Paulo (USP), intitulada “Da Colina, Rumo ao Mar: Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro (1915-1947)”, teve como objeto de análise as origens e o desenvolvimento da instituição de ensino que deu origem ao UNASP. Desde então, o historiador tem pesquisado continuamente sobre a história do adventismo, produzido artigos e participado em congressos científicos<sup>19</sup>. Ultimamente, Hosokawa está colaborando na produção de um livro comemorativo aos 100 anos do UNASP, campus SP.

No ano de 2010, com a criação do curso de História no UNASP EC, nota-se um considerável desenvolvimento científico na pesquisa histórica realizada no CNMA a partir da participação de alunos e professores junto aos acervos. De 2012 a 2015, sob a orientação da professora e museóloga Janaina Xavier, 26 alunos realizaram 900 horas voluntárias em atividades de higienização, classificação, catalogação, acondicionamento e pesquisa nos acervos e, além destes, outros quatro alunos também trabalharam como bolsistas no Centro.

---

<sup>19</sup> Ver entre outros:

HOSOKAWA, Elder. Hospital Adventista São Paulo. In: MOTTA, Maria Lucia; SANGULARD, Gisele. (Org.). *História da Saúde em São Paulo: Instituições e Patrimônio Arquitetônico (1808-1958)*. Barueri SP: Manole, 2011.

\_\_\_\_\_. 110 anos da Educação Adventista no Brasil. *Interação UNASP*, São Paulo, 01 dez. 2006.

\_\_\_\_\_. 90 anos do UNASP no Capão Redondo. *Guia City Capão Redondo/Campo Limpo*. São Paulo, p. 36, 01 dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *História de Grandes Sonhos Realizados*. Engenheiro Coelho: Agência Zoom, 2013 (Suplemento Cultural - 30 Anos UNASP EC).

\_\_\_\_\_. Hospital Adventista Silvestre. In: PORTO, Ângela et al. (Org.). *História da Saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

\_\_\_\_\_. Os Adventistas e a Imprensa Carioca em 1904. In: *XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011*, São Paulo. ANPUH: 50 anos, 2011.

Como resultado dessa aproximação entre o curso de História e o CNMA, 16 trabalhos sobre a história do adventismo foram apresentados no Encontro Anual de Iniciação Científica do UNASP EC (ENAIC) e sete trabalhos de conclusão de curso (TCCs) foram produzidos em três turmas formadas (Tabela 3):

**Tabela 3:** Trabalhos de Conclusão de Curso da História sobre o adventismo

<b>PESQUISA</b>	<b>ALUNOS</b>	<b>ORIENTADOR</b>	<b>DEFESA</b>
Moyses Salim Nigri: Maioridade da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil	Láís Carvalho Tatiana Melo	Prof. Me. Elder Hosokawa	2012
John H. Boehm: Da germanidade ao adventismo entre os nacionais (1913-1954)	Adivânia Soares Silva Liliane Silveira Peron	Prof. Me. Elder Hosokawa	2012
Identidade de Gênero: A representação da mulher na Revista Vida e Saúde durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945)	Débora Maria Soares Liege Leopoldo e Silva	Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos	2012
Renato Emir Oberg: Trajetória denominacional e contribuições para o adventismo	Ana Pothin Daniel de Souza Santos Laysa Barbosa Lopes	Prof. Me. Elder Hosokawa	2012
Memória e Cultura Material: O baú do Pastor Frederico Weber Spies	Rosana Cardoso Fabiana Agra	Prof. Me. Janaina Silva Xavier	2013
Getúlio Vargas: Política e o Adventismo (1926 - 1950)	Everton Cordeiro Silva Fábio dos Santos Lopes Cleyton Soares Santos	Prof. Me. Elder Hosokawa	2014
Fotografia e Memória: Os registros da comemoração de 10 anos do Instituto Adventista de Ensino	Brenda Alves Oliveira Gilvana Correa Ramón de Siqueira	Prof. Me. Janaina Silva Xavier	2014

Fonte: Curso de História, UNASP EC, 2015.

Um dos grandes desafios do CNMA, segundo a museóloga Janaina Xavier, é a organização das coleções. O acervo é muito amplo e diversificado e apenas dois alunos bolsistas trabalham diretamente na catalogação, o restante das ações depende dos alunos voluntários do curso de História e nesta configuração o trabalho se desenvolve lentamente.

Vemos, então, que o CNMA tem, desde o início de suas atividades, desempenhando seu papel na produção contínua de pesquisas, mas que o curso de História pode ser um fator determinante na trajetória da instituição para consolidar essa vocação, contribuindo com



qualificação metodológica nas pesquisas e na curadoria dos acervos, que poderão ser desenvolvidas pelos alunos, sob orientação dos professores.

### **Considerações Finais**

Chegamos ao final desse artigo com a missão de contribuir para a solução do problema que a motivou. Passamos então a destacar algumas das possíveis reflexões que podem ser depreendidas do estudo.

Inicialmente é preciso destacar a relevância das ações de pesquisa nos museus, em especial os de história, e a contribuição da mesma para uma exposição rica em conhecimento. Por meio das investigações, desenvolvidas por profissionais das ciências envolvidas nos museus, os acervos ganharão significados históricos e culturais e sua preservação passará a ter sentido para a sociedade. Por outro lado, sem pesquisa, os museus fracassarão em atrair visitantes para suas exposições.

Infelizmente, contudo, percebemos que se os teóricos estão conscientes dessa necessidade, na prática, as pesquisas estão distantes de ter seu lugar garantido na dinâmica dos museus. É necessário que haja maiores investimentos nessa área e, no caso dos museus de história, que os historiadores lutem para ocupar esse espaço, solicitando a abertura de mais concursos públicos para os museus.

Outra conclusão que chegamos, é a importância do acadêmico de história, que visa trabalhar em museus, se envolver na iniciação científica com pesquisas em acervos durante o curso de graduação, pois isso irá determinar o seu sucesso na realização das investigações nas instituições museológicas, visto que as metodologias empregadas são idênticas.

Com relação ao CNMA, foi possível perceber que o Centro é uma grande ferramenta da Igreja Adventista para reforçar a identidade de seus membros no Brasil e no mundo. De acordo com a sugestão do Dr. Stencil, seria importante criar um Grupo de Estudos sobre a história do adventismo no Brasil. Essa parceria entre o CNMA e o Curso de História tem sido extremamente positiva para ambos os lados. O Centro ganha com a atuação de profissionais qualificados para a realização de suas atividades museológicas e o Curso tem um espaço muito rico para a atuação prática dos acadêmicos e professores.

Cabe ao Curso de História do UNASP EC incentivar os alunos desde o início da sua formação a frequentar o CNMA e a se familiarizar com seus acervos, despertando o interesse

pelas pesquisas e ao CNMA continuar cada vez mais franqueando o acesso aos alunos, principalmente pelo programa de bolsas da instituição de ensino.

Finalmente, há uma premente necessidade de a Igreja Adventista tornar o CNMA uma instituição independente com estrutura própria adequada as suas demandas, com a criação de um setor técnico e a contratação de novos profissionais que desenvolvam de modo equilibrado e constante as ações de preservação, investigação e comunicação museológica.

### Referências Bibliográficas

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício de historiador*. Tradução de André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

BORGES, Michelson. *A chegada do Adventismo ao Brasil*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

BORGES, Vavy Pacheco. *O Que é história*. 2. ed., rev. São Paulo - SP: Brasiliense, 2007.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. *O Museu paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional 1917-1945*. 1. ed., il. São Paulo: Unesp, 2005.

CASTRO, Ana Lucia. *O museu do sagrado ao segredo*. Rio Janeiro: Reven, 2009.

DARIUS, Fábio Augusto. *De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White*. 242 f. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Programa de Pós-Graduação. São Leopoldo, 2014.

*Declaração de Santiago*. Chile, Santiago, 1972.

FUNARI, Pedro Paulo. Fontes Arqueológicas: Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

*Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília: IBRAM, 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/museus-do-brasil/> Acesso em: 20 set. 2015.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN, Departamento de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte, 2006 a.

JULIÃO, Leticia. Pesquisa histórica no museu. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN, Departamento de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte, 2006 b.

LARA, Fernando Saez. Una herramienta llamada plan museológico. In: *Revista Museo*. Espanha: Asociacion Profesional de Museólogos de España, nº 13, 2008.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: *Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas: Pesquisa e documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

*Museus em números*. Brasília: IBRAM, vol. 1, 2011.

*Museus em Números*. Brasília: IBRAM, vol. 2, 2011.

NASCIMENTO, Rosana Andrade. Documentação Museológica e Comunicação. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Portugal: ULHT, nº 3, 1994.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História*. São Paulo: PUC, nº 10, p. 07-28, dezembro 1993.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. *Revista Estudos Avançados* [online]. São Paulo: USP, 2004, vol.18, n.52.

RODRIGUES, Ana Ramos. O museu e o ensino de história. In: *Revista Museu – Publicação Online*. Rio de Janeiro: Clube de Ideias Comunicação e Sistemas Ltda, 2010. Disponível em: [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=25807](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=25807) Acesso em: 16 set. 2015.

SANTOS, Fausto Henrique. *Metodologia aplicada em museus*. São Paulo: Mackenzie, 2000.

SCHWARZ, Richard W. *Portadores de Luz*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009.

SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH. *Yearbook 2014*. Maryland: Review and Herald Publishing Association, 2014.

TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de; GIMENEZ, José Carlos. Educação e Pesquisa: Fontes e Documentos. In: CASIMIRO, Ana Palmira; LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. *A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes*. Campinas: Alínea, 2009.